

**AS CIDADES QUE CONTINUAM VIVAS: ALGUMAS RESPOSTAS
PARA JANE JACOBS**

Resenha do livro: MORTE E VIDA DE GRANDES CIDADES

Marisete de Azevedo Pinto¹

**THE CITIES THAT ARE STILL ALIVE: SOME ANSWERS
ACCORDING TO JANE JACOBS. An essay on the book: DEATH
AND LIFE OF THE BIG CITIES**

O presente artigo é uma resenha crítica do livro *Morte e vida de grandes cidades* (Jacobs, 2001) da jornalista americana Jane Jacobs, escrito em 1962. Foi apresentado inicialmente como trabalho complementar nos estudos de Mestrado com o intuito de contribuir para a historiografia dos anos sessenta através da validação de algumas premissas que enfocam a vitalidade das cidades. A posição crítica adotada neste artigo visa a confrontar determinadas práticas urbanísticas que se deram a partir das observações da jornalista Jane Jacobs, e que ainda hoje persistem. O objetivo da resenha é investigar e promover os “novos” princípios para o planejamento e gestão urbanos traçados no livro e que, segundo a autora, impetram a vitalidade socioeconômica nas cidades.

Com um texto envolvente, o livro trata das relações cotidianas que a jornalista observou na civilização de grandes cidades americanas, mas idênticas a tantas do cenário mundial. Além de ser uma crítica ao planejamento ortodoxo – usado ainda hoje por alguns administradores –, é uma proposta consistente com base na importância das atividades comunitárias. Para ela, o planejamento das cidades deve ser elaborado com o intento de configurar um panorama futuro na visão do que seria possível-ideal em termos de lugar, configuração urbana e população-alvo. Resumindo, seriam ações de âmbito urbanístico, controladas em sistema de autogestão, no qual toda a população é envolvida.

As respostas para Jane Jacobs procedem de uma análise reflexiva da atualidade que procuram justificar com experiências que têm mantido algumas de nossas cidades “vivas”.

¹ Professora do Centro Universitário UNIVATES e aluna do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (Mestrado) PROPARG/UFRGS.

...devem existir olhos para a rua, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua (Jacobs, 2001, p. 35).

As preocupações que Jane Jacobs tinha há mais de quarenta anos estavam intimamente ligadas às propostas modernistas que previam um futuro mais civilizado (racional) com a construção das cidades-jardins. Mesmo que estas não tenham sido concretizadas em sua totalidade utópica, estendem-se até hoje as mesmas preocupações da autora e ainda se discute sobre a realidade das grandes cidades e as práticas urbanísticas que possam melhorar a qualidade de vida em sociedade. Hoje, há vários indicativos de que a prática do urbanismo se deixou levar, na maioria das vezes, por temas periféricos ao da vitalidade das cidades, que é o mesmo foco do livro resenhado.

A confirmação desta afirmativa vem diariamente através da imprensa. Muito se tem reclamado da violência, da insegurança nas ruas, da poluição visual nas cidades, dos espaços públicos ociosos; enfim, do descaso com a coisa pública. Afinal, se existem muitas coisas a rever e consertar, não seria o caso de depurarmos o problema? Se o "muito" é difícil de resolver, quem sabe o "pouco" é mais fácil? Certamente é preciso, em primeiro lugar, aprender a ver a essência da cidade para que sejam descobertas as questões mais problemáticas. É preciso - como diz o grifo introdutório - viajar por suas ruas de olhos abertos e atentos para poder tirar-lhes a síntese e, no final, enquanto muitos permanecerem indiferentes, talvez alguém tenha visto!

Percebe-se que há dificuldade de se colocar estes mecanismos investigativos em ação porque o ato de olhar ficou preguiçoso. As coisas do entorno não são observadas e nem sequer "vistas", pois um turbilhão de mensagens visuais diretas mostradas em fotografias, *baners*, *displays*, tv, cinema, informática e outros tantos meios de divulgação tem chegado junto com as novidades do desenvolvimento tecnológico e descartado a necessidade de utilização das áreas subjetivas do cérebro, as que produzem ações como: observar, perceber, intuir, deduzir...

Essas ações subjetivas enriquecem a sensibilidade alterando o modo de ver as coisas e acarretam como consequência um processo de aprendizagem e conhecimento. Deter-se, olhar, observar e descobrir são os primeiros atos reflexivos que induzem à operação crítica, e, é com esta última que, enfim, são reorganizadas e planejadas as ações construtivas.

Jane Jacobs, que não era urbanista nem administradora, mas sim jornalista autodidata, demonstrou ter não só seus olhos mas todos os sentidos voltados à diversidade das ações humanas mais simples. Foi na diversidade e no cotidiano da cidade tradicional que ela montou sua tese de que o caos urbano e o microcosmo dos bairros constituem uma vida rica e densa de significados. Os argumentos desta tese foram organizados em forma de *mapa conceitual*² e classificados aqui como os quatro agentes formadores e gestores da cidade possível-ideal:

² Anexo ao fim do artigo

1. Cidade que também é bairro

Ao contrário das fragmentadas, padronizadas e despersonalizadas cidades propostas pelo modernismo ortodoxo, a cidade para Jane Jacobs é um produto das interações sociais que envolvem atividades comunitárias feitas em conjunto com o poder público. Há na cidade tradicional uma dinâmica positiva que gera sistemas de ordem funcional que, se bem administrados, mantêm o caos equilibrado. O caos para ela, é feito de dissensos e é aí que reside a idéia de democracia, enquanto que, se as ações se dessem sempre em consenso, seria ditadura.

Não há distinção do que pode ser considerado bairro ou cidade se observados seu funcionamento e natureza através das interações sociais. Uma cidade pode ser vista como um grande bairro, como um conjunto de bairros ou também se pode ver um bairro como uma cidade dentro da cidade. Com o conhecimento que se tem da cidade tradicional é resgatada e montada a idéia da cidade-ideal, lugar em que não há configuração espacial de bairros distintos, não há limites geográficos claros nem separação física de qualquer espécie, seja ela econômica, racial ou cultural.

São a diversidade de funções e o convívio entre pessoas diferentes que tornam a cidade um lugar para práticas de cidadania, ainda há em cidades pequenas ou em bairros tradicionalmente antigos uma identificação dos moradores com o lugar, assim como há implícita uma rede de autogestão que cuida para que haja segurança e equilíbrio entre as atividades regulares e as irregulares. Quem cuida disso? Quem ajuda na autogestão? Pois bem, além de ser mais fácil, hoje, de entender suas críticas, tudo indica que aí se encontra o argumento principal da autora.

Só os moradores sabem desvendar os segredos estruturais do lugar porque conhecem seu funcionamento e seus vizinhos. Assim, eles criam uma cumplicidade poderosa no exercício da cidadania. Muitas vezes as pessoas influentes não são as mais ricas ou as mais cultas, pode ser o pedinte contumaz ou a figura folclórica do vendedor de bugigangas. O que importa é quem está de olho, quem tem tempo para ver e se importar com os outros.

2 Regularidades

Dentro da diversidade deve existir alguma orientação regular, alguma sujeição a regras, principalmente em relação ao funcionamento das ruas. As regularidades são necessárias para que a população promova a criação de uma rede de vida cotidiana em que se sinta segura e confiante. Em cidades tradicionais ainda há pessoas transitando tranquilas pelas calçadas, mesmo as que não são deste lugar, e isto ocorre porque se sentem integradas com a rede de vigilância e protegidas por ela. Sempre haverá quem controle as ruas, quem se sente responsável pelo lugar, quem tolera as visitas e quem dá informações.

Para que haja esse controle social, a cidade tem que estar preparada como uma estrutura aberta, não somente como um espaço físico mas como um local que proporcione relações afetivas, um organismo vivo que ofereça espaço, convivência e oportunidades para todos.

Dentro das regularidades positivas apontadas por Jane Jacobs estão: setores urbanos consolidados que identificam a antiga formação da comunidade e sua

integração com o novo; identidade clara, de ordem visual, que dá a aparência da cidade, sua morfologia (construída como arte) e sua relação com a vida (funcionamento, ordem econômica, física e social); boa demarcação de usos e distinção entre espaço público e privado; vizinhança atenta, preparada para receber estranhos contando para isso, com ruas movimentadas e calçadas seguras; espaços com alta vitalidade de práticas sociais que levem a trocas, em que a comunicação e informação devem estar ao alcance de todos e, para efetivo de funcionamento, devem ter seus horários tomados por múltiplos usos.

Com isso, a rua passa a ser o cenário natural das trocas de bens, de serviços, de encontros e acontecimentos; atividades que irão registrar imagens mentais que dificilmente são apagadas da memória das pessoas. A importância das ruas como cenário é porque já estão prontas e é oneroso demais mantê-las; é mais racional que sejam usadas para múltiplas funções, em um tempo escalonado: rua para estacionamento, rua para feira, rua para animação cultural, eixo para distribuição de mercadorias; também porque cenários cambiáveis podem reconstruir uma imagem perdida e trazer o passado à rua, promovendo a animação. As ruas de uma cidade têm que estar preparadas para exercer funções diferentes durante as 24 horas do dia. Hoje, nenhuma cidade investe em construção de áreas equipadas para deixá-las vazias durante tantas horas.

Tudo acontece no palco da cidade, porque ela é o cenário do encontro, da grande festa do viver urbano. A integração visual dos lotes com os passeios e as vias de transporte induz à ocupação futura, à direção do crescimento, ao encontro e à animação; enquanto que a multifuncionalidade integra os setores informais com os formais e o oferecimento de espaços ao uso da população.

Também os espaços ociosos devem ser pensados como um local de futuro projeto. Neste caso, cenários de continuidade podem induzir ao vazio visual, como em terrenos baldios e estacionamentos, porém, dependendo do que se vê ao fundo, até mesmo o vazio pode ser agradável. Paredões de edificações costumam ficar à espera de algo que os esconda; neste caso, janelas pintadas ou até mesmo uma linda árvore a ser plantada podem quebrar a monotonia visual.

São inúmeras as formas de tratamento paisagístico que se pode aplicar no espaço urbano, basta que, para isto, cada cidadão sinta-se responsável pelo espaço que transita, não só pelo seu lote, só assim ele vai participar da cidade, pois, mais do que uma capacidade, os cidadãos têm uma necessidade vital de criar mapas mentais, memorizando as fachadas, os luminosos, os acidentes geográficos, as cores. São sinais de identidade com o espaço, são marcos referenciais de paisagem da sua cidade, e não de uma cidade qualquer.

3 Irregularidades

Na realidade nem sempre se cuida daquilo que se ama; há também a depredação e o descaso com a coisa pública, e é para ajustar esta rede negativa de pessoas que são aplicados planos técnicos de ação. Neste âmbito, os mesmos não de ser montados em equipe, entre a rede de vigilância institucionalizada e as pessoas influentes que conhecem o local.

A autora define a rede negativa como uma sociedade de excluídos individualistas, que se unem corporativamente devido a um consenso entre eles e um dissenso entre os demais; nota-se, pois, que estas corporações não são só de pobres enciumados e revoltados com a riqueza alheia. Tudo indica que são mais danosas às causas comunitárias as corporações entre ricos, políticos e poderosos que não aceitam a convivência com pessoas diferentes.

Na diversidade sempre há ações de grupos divergentes, é por isso que uma cidade é predestinada ao caos e, segundo a autora, é possível que sem isto elas teriam os mesmos resultados desastrosos do modernismo – as lindas cidades sem vida. Para ela, a estabilização do caos se dá em espaços multifuncionais, com quadras onde convivem ricos e pobres comprando no mesmo mercado, freqüentando o mesmo bar da esquina e contando, ricos e pobres, com aquelas bondosas senhoras que ficam às janelas a observar se não há perigo à espreita das crianças ou dos jovens que chegam tarde da escola. É preciso que todos sintam-se seguros, conhecidos e donos do lugar.

Por outro lado, o sentimento de exclusão ocorre em nível mental porque, de certa forma todos procuram pertencer a algum lugar. Pertinência é o sentimento de fazer parte da cidade, algo que faça a identificação pessoal com ela. Os sentimentos de identidade fundamentam o conceito de uma cidade específica, aquela cidade que se tem na memória afetiva.

Pertinência, no original espanhol, é mais do que participação. A participação está voltada para uma coisa política, reivindicatória; é o sentido de fazer parte, de ser parte de um todo conciso enquanto que, com a identidade é possível avançar mais no senso de cidadania.

4 Pessoas influentes

O papel do poder público não é só de fiscalizar e tornar habitável a cidade. Este deve assumir o papel de cupido, plantando amor entre o homem e sua cidade, gerando, para tanto, uma parceria com as pessoas ajustadas ao lugar. Há sempre um grande número de ocorrências a serem atendidas, para isso não são necessários investimentos vultosos. Junto com a comunidade o importante é que se dêem ações como: o cuidado com os lotes abandonados, com as áreas residuais, com o equipamento e mobiliário urbano, entre outros.

Por algumas razões, aqueles que têm o sentimento de pertinência estão sendo excluídos dessas ações. A invasão da pobreza, em grande contingente numérico, é uma realidade cada vez mais visível; é crescente a ocupação das áreas livres de maneira ilegal, seja para se estabelecer ou para exercer alguma atividade capaz de gerar renda. Paralelo a isso está ocorrendo a invasão das elites - as classes dominantes dos excluídos - através da mídia, da moda e do design de arquiteturas arbitrárias. O espaço de invasão de uma é o físico enquanto que da outra é mental.

Há uma outra questão delicada, que é a da união entre estas duas redes negativas com a aplicação de ações paternalistas. O paternalismo se dá desde o planejamento até a execução dos projetos com a famosa desculpa de "opção pelos pobres e pela sua miséria", incorrendo, a que tudo indica, em um pacto silencioso dos poderosos com os manipuladores da miséria. Há indícios de que essas atitudes

nada fazem para aumentar as opções de emprego para promover o pobre, levantá-lo, arrancá-lo do nível de sobrevivência; o que se vê é uma corporação que continua entregando a esmola do alimento e dos serviços essenciais nas mãos de quem poderia ajudar sua cidade em seu próprio nome, e não em nome de um patrocinador. As mãos dos que recebem muitas vezes escondem habilidades muito úteis e que poderiam ser aproveitadas na própria comunidade, como um exercício de cidadania.

Respostas à Jane Jacobs:

As cidades que continuam vivas

Mesmo depois de inúmeras experiências, há cidades que sofrem com o esgotamento de soluções para organizar o caos e estão próximas à morte - usando a linguagem da autora. Também é fato que a realidade de hoje não é a mesma dos anos sessenta. Além dos problemas vistos por Jane Jacobs, há outros mais modernos, e o que diferencia os tempos é justamente a atual dispersão de iniciativas, em oposição às causas coesas com bases comunitárias, de elevado grau de aceitação à diversidade, enfim, às experiências coletivas que mobilizaram as revoluções do passado.

Quando Jane Jacobs escreveu sobre as cidades, uma grande parte da civilização mundial, com exceção de alguns, como os comunistas, parecia querer encaminhar suas cidades para uma ordem futura; diversos projetos de cunho sociocultural já haviam sido executados com a finalidade de envolver coletivamente a sociedade. Uma das ações mais abrangentes deu-se no Pós-Guerra, quando foram feitos grandes investimentos na indústria e na tecnologia, com vistas a solucionar problemas habitacionais, de saneamento, de desemprego, de falta de escolas e da baixa qualidade de vida em geral.

Algumas ações urbanísticas desastrosas como as cidades-jardins e os planos que destruíram o traçado tradicional de várias capitais mundiais foram progressivamente repensadas, pois não cessavam as reivindicações vindas das atividades comunitárias. Dos anos 60 aos 80 a herança do urbanismo ortodoxo moderno passou por uma fase de críticas e ataques; as colocações de Jane Jacobs faziam parte dos debates que iniciaram a revisão pós-moderna, pois confirmavam que a cada nova ação experimental surgiam novos problemas e, em consequência, a população exigia novas tomadas de decisão.

Muitos dos projetos realizados, das prospecções e das utopias feitas no período de articulação com a modernidade surgiram para adaptar a civilização aos novos tempos, uma civilização que desejava se libertar do peso das tradições, mas que de fato referia-se ao passado apontando para o futuro. As reformas sociais, que se faziam necessárias, pretendiam sanar problemas de desigualdade, de exclusão de grande parte dos cidadãos da rede formal de trabalho, das decisões políticas e do alcance à cultura em geral; entre os excluídos estavam os negros, as mulheres e os jovens.

Até os anos oitenta os movimentos derivavam dessas mesmas "causas", mostravam em seus episódios que havia uma evolução continuada e iam objetivando, cada um, suas reivindicações, porém, nas últimas décadas do século XX, as revoluções se tornaram mais brandas e adquiriram outros pretextos. Tudo indica que a fragmentação dos interesses coletivos, observada neste período, foi ocasionada por atitudes como: o extraordinário desenvolvimento tecnológico que afastou ainda mais as classes econômicas, a conquista do ambiente terrestre e sua irracional exploração e a divulgação dos conhecimentos em nível global que provocou uma competição por poder e domínio.

As conquistas que antes eram obtidas com intenções gerais da população passaram a ser não só pontuais como principalmente individuais, acarretando um grande conflito de culturas. Hoje as nações que exploraram desregradamente o meio ambiente, que não sustentaram a paz no compartilhamento da terra e, principalmente, as que não mantiveram o convívio respeitoso dentro da pluralidade cultural estão tendo que prestar contas à humanidade.

Observando essas questões, pode-se ver o quão certa estava Jane Jacobs ao tomar posição em favor da cidade tradicional e fazer apologia à diversidade e, mesmo decorridos quase quarenta anos de publicação de seu livro, a convivência entre os desiguais continua preocupando. Há indícios de que hoje vivemos a era dos acordos, haja vista a preocupação demonstrada nos fóruns internacionais, como o Fórum Social Mundial, que se realiza em Porto Alegre; o Fórum Econômico Mundial, na Cúpula de Davos na Suíça, e o mais específico para as culturas urbanas que foi o Fórum Barcelona 2004.

O ponto comum entre eles é o resgate de causas sociais comuns que haviam se perdido, e, com uma nova perspectiva, podemos inclusive ver a construção de um caminho que leve à conciliação entre os povos e que também se propõe a melhorar as relações entre o homem e o meio ambiente.

Os debates entre as mais diversas comunidades culturais, ocorridos nos Fóruns, têm demonstrado que a autora estava certa, inclusive, quando proferiu que uma cidade pode consistir-se de um só bairro, de uma nação ou até mesmo de toda a civilização humana, bastando para isso que a rede de pessoas influentes lidere as negociações. Uma resposta à autora é que é possível que as grandes cidades não estejam fadadas à morte e que muitas delas, pelo contrário, têm expectativa de vida longa.

Tendência não é destino

A partir dos argumentos de Jane Jacobs é possível investigar com mais consistência a realidade das cidades, investigar se elas continuam a crescer sem perder a vitalidade que deve emanar da relação dos moradores com o espaço físico. Outra resposta que se pode dar à autora é que o destino dessas cidades nem sempre se concretizou nos padrões que as tendências indicavam, foram certamente alterados por observações sucessivas e ações realimentadoras. Pode parecer lógico, mas há aproximações que não conseguem distinguir quais ações serão benéficas à comunidade.

É presumível que a transformação destas cidades, - ainda possíveis - ideais - , deve ter iniciado pela idéia de "civilização". A cidade, que é a demonstração física de uma grande sociedade civilizada, deve ter sido composta para ser um cenário perfeito para uma estrutura de vida e trabalho gratificantes, mesmo que com pequenas incorreções. E a cidade que é a rua também deve ter sido composta como síntese da cidade: rua como integração de funções, rua que é alma de cada bairro. Vendo assim pode-se inclusive afirmar que o caminho por onde todas as cidades começaram foi também a trilha do seu futuro.

Conforme Jane Jacobs, arquitetura e urbanismo não devem ser vistos somente como artes públicas, pois seus produtos, além de pertencerem à própria cultura, partem de estratégias de ação voltadas às próprias especificidades: para quem ela se destina, o lugar que há para isto e o modo como será construído. Partindo dessa premissa é possível investigar se o futuro das cidades ideais foi preparado nos cenários físicos e mentais que já existem, mas com uma projeção de sobrevida maior do que os antepassados previam. De certa maneira, traçar um futuro é como lançar uma flecha, mas uma flecha cuja trajetória temos condições de acompanhar e corrigir a qualquer momento.

Atualmente esta linha de ação está sendo adotada por diversos administradores entre os quais o arquiteto e urbanista Jaime Lerner. Presidindo a UIA (União Internacional de Arquitetos), ele tem demonstrado corroborar com a autora conclamando os responsáveis pelas cidades a promover pequenas intervenções que levem à ocupação de espaços abandonados e ociosos.

No seu livro *Acupuntura Urbana* (Lerner, 2004), ele mostra que o planejamento da cidade parte de simples projetos pontuais que geram áreas de energia, propagando transformações em longo prazo. As práticas apresentadas no livro demonstram que o correto e importante é fazer acontecer agora e depois levar um tempo aperfeiçoando, isto refuta que há uma mesma linha de pensamento entre Jaime Lerner e Jane Jacobs, para eles a política urbana positiva é aquela capaz de gerar transformações que acontecem de acordo com a vontade do usuário e que é ele que vai dizer quantos anos serão necessários para que o lugar seja realmente transformado.

Referências Bibliográficas:

JACOBS, Jane. **Death and Life of Great American Cities**. New York: Random House, 1962.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grande cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Mapa conceitual elaborado por Marisete como auxílio didático no entendimento do livro resenhado

